

Análise de uma crônica a partir da proposta semiolinguística: uma visão sobre o papel feminino na maternidade

Analysis of a chronicle from the perspective of sociolinguistics: a vision of the female role in motherhood

Tiana Andreza Melo Antunes*

RESUMO: Este artigo visa à aplicação da teoria semiolinguística na análise de uma crônica veiculada no âmbito jornalístico. Para tanto, faz uma revisão dos conceitos fundamentais desta teoria, sobretudo pautados em Charaudeau (2011; 2012). O trabalho, então, realiza uma análise a partir de um gênero textual bastante presente no cotidiano, a fim de demonstrar a aplicabilidade dos preceitos teóricos propostos pelo autor. Mostra-se também que uma leitura bem direcionada é fundamental para se escapar à ideia de que todas as interpretações de um texto são possíveis e, mais ainda, que as manifestações languageiras implicam interlocutores dotados de uma intencionalidade e de uma coimagem criada pelo discurso.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Semiolinguística; Crônica.

ABSTRACT: This article aims at the application of the semiolinguistic theory in the analysis of a chronicle published in the journalistic scope. To do so, it reviews the fundamental concepts of this theory, mainly based on Charaudeau (2011, 2012). The study, then, performs an analysis from a textual genre that is quite present in everyday life, in order to demonstrate the applicability of the theoretical precepts proposed by the author. It is also shown that a well-directed reading is fundamental to escape the idea that all interpretations of a text are possible and, moreover, that the language manifestations imply interlocutors endowed with an intentionality and a coimaging created by the discourse.

KEYWORDS: Discourse Analysis. Semiolinguistics; chronicle.

1. Introdução

Este trabalho concentra-se na análise de uma crônica jornalística, tendo por base a teoria semiolinguística, oriunda de Patrick Charaudeau – linguista francês de reconhecimento internacional no campo dos estudos de discurso, que põe em destaque o poder que a linguagem concede ao homem para agir e interagir no mundo. A intenção do presente texto é mostrar uma proposta de análise discursiva ampla, na qual se evidenciem os principais componentes da teoria escolhida. Assim, em detrimento de eleger um aspecto teórico e aprofundá-lo, decidiu-se por trabalhar com alguns itens que o autor propõe como relevantes ao debruçar-se sobre um discurso.

* Doutora em Língua Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Para os estudiosos de Análise do Discurso (rótulo que abarca vertentes teóricas diversas, cada qual a seu modo dedicando-se a compreender o campo dos discursos), é sabido que a compreensão de um texto supera a simples decodificação de suas partes, mas nele ocorre um entrelaçamento de sujeitos, de concepções de mundo, de contenções e de liberdades, sobre os quais a semiolinguística consegue propor um modelo ajustado de análise.

Cabe inserir, nesta introdução, a concepção de discurso encontrada na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra:

Discurso é a língua no ato, na execução individual. E, como cada indivíduo tem em si um ideal linguístico, procura ele extrair do sistema idiomático de que se serve as formas de enunciado que melhor lhe exprimam o gosto e o pensamento. Essa escolha entre os diversos meios de expressão que lhe oferece o rico repertório de possibilidades, que é a língua, denomina-se estilo. (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 1)

Veem-se nela os elementos com os quais se trabalhará neste artigo: o ato, o indivíduo, as formas do enunciado e o repertório de possibilidades. Com esses dados e a vestimenta da semiolinguística, é possível construir um olhar sobre discursos e textos que integre o indivíduo não só com o outro, mas também com a situação comunicacional que lhes rodeia.

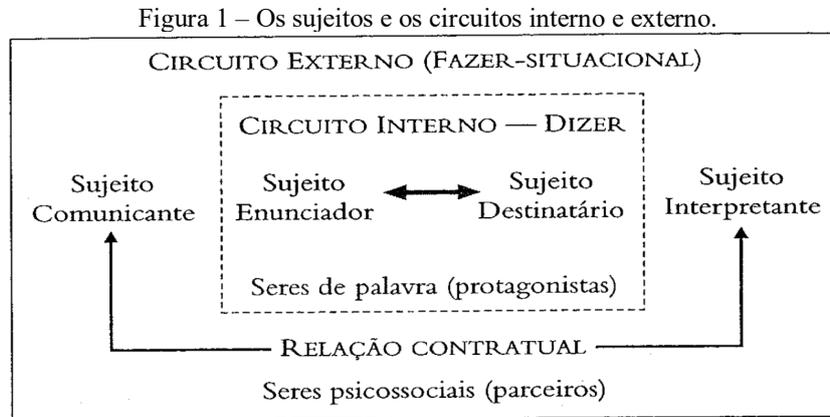
Este estudo organiza-se, portanto, numa breve exposição da teoria, explicitando os conceitos principais, e na subsequente análise de uma crônica veiculada pelo jornal *O Globo*, escrita por Martha Medeiros¹. Tenta-se mostrar de que modo um ato de linguagem pode ser analisado nos seus planos situacional e linguístico, a serviço dos ideais dos sujeitos participantes do discurso.

2. Preceitos teóricos: a semiolinguística dentro das teorias de análise do discurso

A teoria desenvolvida por Charaudeau consiste em uma análise de discurso cujo foco está na interação entre sujeitos dentro da situação comunicacional na qual estão inseridos. Não há simplesmente receptores ou emissores de mensagens, conforme propunha Jakobson, pois todos são sujeitos no ato de linguagem e nele desempenham papéis na encenação discursiva.

¹ A crônica em questão também pode ser encontrada na revista voltada para o público feminino *Donna*. Disponível em: <http://revistadonna.clicrbs.com.br/noticia/martha-medeiros-duas-historias-sobre-maes/>. Acesso em 10 de maio de 2016.

A divisão dos sujeitos em quatro seres distintos na produção de um ato de linguagem separa o mundo real (externo) do mundo do discurso (interno), ou, como se vê no esquema a seguir, o circuito do fazer (situacional) e o circuito do dizer:



Fonte: Charaudeau, 2012.

Há outras versões mais atualizadas desse esquema (CHARAUDEAU, 2012), porém o quadro anterior dá conta de maneira mais simples da inter-relação entre os quatro sujeitos, discriminados da seguinte forma: dois sujeitos externos, Eu comunicante (Euc) e Tu interpretante (Tui), e dois sujeitos do dizer, Eu enunciador (Eue) e Tu destinatário (Tud).

Os dois sujeitos externos pertencem ao mundo concreto, são seres de carne e osso, carregando suas identidades sociais em um determinado contexto histórico. O Eu comunicante ou sujeito comunicante é aquele que inicia a produção discursiva – e a organiza – e que mantém com o Eue uma relação não totalmente transparente, uma vez que aquele pode manusear estratégias, diversificar sua imagem a depender de seus interesses discursivos. Já o Tu interpretante é um ser independente do Euc, carregando sua função de interpretação, por ser externo aos propósitos do Euc, pode não atender a este, ignorá-lo, transgredir seu projeto.

Os seres de fala, pertencentes ao circuito interno, são vinculados ao discurso e nele se constroem. O Tu destinatário a quem se dirige o Eu comunicante, originado das intenções deste, é, pois, um ser ideal a receber o discurso do Euc. As identidades de Tud e Tui podem se distanciar, uma vez que é possível que o esperado por Euc para Tud não seja atendido por Tui. Por sua vez, o Eu enunciador é o ser que fala, aquele responsável pela criação da imagem do ser social Euc.

Como se percebe, as relações entre os quatro sujeitos são de idas e vindas no circuito, já que as imagens esperadas, produzidas e interpretadas dependem do posicionamento de cada

um. Segundo Charaudeau (2012, p. 48), se o Euc espera um Tud obediente e lhe dá uma ordem, o Tui pode repeli-la por algumas razões, dentre as quais a negação da autoridade do Euc (não reconhecida apesar da fala de Eue).

Partindo para a situação comunicativa, em que se põem em jogo os sujeitos dantes descritos, há para eles um contrato de comunicação, que lhes dá as diretrizes para conduzir o ato de linguagem. Assim o define Charaudeau:

Trata-se do aspecto que concerne, nas condições de produção, não somente aos pressupostos de posicionamento interdiscursivo (pressupostos ideológicos, segundo alguns autores), mas também ao condicionamento da própria situação de comunicação: a natureza da identidade dos parceiros do ato de linguagem, a finalidade da situação, os dispositivos e as circunstâncias materiais desta última. Esse conjunto constitui o que chamamos de **contrato de comunicação**, o qual restringe o sujeito falante, dando-lhe as instruções discursivas que deverá seguir para proceder a seu ato de enunciação. (CHARAUDEAU, 2011, p. 7-8)

O contrato gera, então, as condições que para cada tipo de discurso ocorra e compreende, primeiramente, o reconhecimento do direito à fala do sujeito comunicante; em segundo lugar, que esse mesmo sujeito seja revestido de autoridade pela identidade social que ocupa; em terceiro, é preciso que o Euc conquiste seu interlocutor para garantir sua credibilidade. Vale dizer, ainda, que o contrato biparte-se nos espaços de restrições e de manobras, sendo estas as possibilidades discursivas e aquelas, as delimitações impostas aos que interagem. Metaforicamente, o espaço do contrato poderia ser um campo de futebol em dia de jogo, pois nele se movem os jogadores dentro das limitações físicas do gramado, conhecendo as táticas dos adversários e adaptando-se a elas para tentar a vitória. Em um culto religioso, por exemplo, ao pregar, o líder não prevê no contrato que os ouvintes discutam suas palavras naquela ocasião e, sim, que, mantendo o silêncio, escutem e reflitam individualmente. Já em uma aula, as manobras são um pouco maiores, porque se dá o direito aos alunos de questionarem o professor ou fazerem exposição de ideias, assim também agindo como produtores de fala e não somente destinatários dela. O contrato, pois, abrange quem são os sujeitos que discursam, com que propósito o fazem e dentro de quais espaços e com que dispositivos para fazê-lo.

A temática mais abrangente na semiolinguística reside na exposição minuciosa dos modos de organização do discurso, os quais

constituem os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: ENUNCIAR, DESCRER, CONTAR, ARGUMENTAR.

[...]

Assim, os textos podem ser objeto de uma categorização em *gêneros* (publicitários, científicos, de informação, de instrução etc.), e não devem ser confundidos com Modos de Organização, já que um mesmo gênero pode resultar de um ou vários modos de organização do discurso e do emprego de várias categorias de língua. (CHARAUDEAU, 2012, p. 68)

Os modos de organização, a partir de suas finalidades, são quatro: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. Embora apareçam, muitas vezes, como pertencentes a mesma hierarquia, o modo enunciativo, na verdade, preside e perpassa os demais.

O modo enunciativo compreende a presença e as marcas do sujeito de fala, constitui-se no que põe em jogo o processo de encenação, concentrando-se nas categorias da língua que servirão ao ser de fala. Compõe-se de três funções: a influência sobre o Tu (alocutivo), o ponto de vista ou perspectiva do Eu (elocutivo) e a tentativa de apagamento do Eu com o discurso do não sujeito (ele, no comportamento delocutivo). A primeira age sobre o outro, a segunda revela a subjetividade, a terceira, a objetividade.

Quanto ao modo descritivo, pode-se dizer que é um processo composto de três itens: nomear, localizar-situar e qualificar: aquele dá existência ao classificar, esse identifica a localização espaço-temporal e este concede particularização a partir das classes já nomeadas. Dessa forma, há no descritivo um aspecto que foge ao domínio do tempo, uma vez que, conforme postula Charaudeau (op. cit. p. 116), “descrever fixa imutavelmente *lugares* (localização) e *épocas* (situação), *maneiras de ser e de fazer* das pessoas, *características* dos objetos.” É preciso igualmente mencionar que o modo descritivo se une aos narrativo e argumentativo e, diferente desses, não possui uma estrutura fechada, não se permitindo, por exemplo, que seja passível de resumos.

O modo de organização narrativo, por seu turno, mostra aos interlocutores de um relato uma sequência de ações em transformação progressiva, cujo sujeito narrador funciona como espectador (“testemunha”, nas palavras de Charaudeau) da experiência ocorrida com os demais seres e suas ações. Dedicar-se à lógica relacionada à trama da história e também de um universo narrado (a trama narrativa). Tal lógica necessita de três elementos: os actantes (desempenham papéis), os processos (orientam as ações dos actantes) e as sequências (interligam os dois anteriores dentro da organização e finalidades da narrativa).

Por fim, o modo de organização argumentativo tem correlação com dois elementos: o pensamento humano e as informações implícitas – indo além do dito e das conexões estabelecidas por elementos gramaticais. O sujeito que argumenta empreende duas buscas: a da racionalidade e a da influência. As relações argumentativas possuem três elementos:

A1 (asserção de partida) → asserção de passagem → A2 (asserção de chegada)

sendo A1 a premissa, um enunciado que fará admitir outro; a asserção de passagem, a responsável pela causalidade de A1 e A2 (pode ser uma prova, uma inferência ou um argumento); e A2 é a conclusão aceita a partir da causalidade que tem com A1. Acresçam-se a isso os três fatores básicos para que haja argumentação, mencionados por Charaudeau (2012, p. 205): (i) uma proposta sobre o mundo: gerará uma indagação em um sujeito sobre sua validade; (ii) um sujeito envolvido nessa indagação sobre o mundo e que raciocine para mostrar a verdade da proposta; (iii) um segundo sujeito que se constitua alvo da argumentação e esteja cercado das mesmas proposta, indagação e verdade. Ele pode rejeitar ou aceitar a argumentação desencadeada pelo primeiro sujeito.

Esses modos podem ser compreendidos de forma sucinta no quadro abaixo, extraído de Charaudeau (2012, p.75), no qual se explicitam as principais funções e os princípios de organização:

Quadro 1 – Síntese dos modos de organização do discurso.

MODO DE ORGANIZAÇÃO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	Relação de influência (EU → TU) Ponto de vista do sujeito (EU → ELE) Retomada do que já foi dito (ELE)	Posição em relação ao interlocutor Posição em relação ao mundo Posição em relação a outros discursos
DESCRITIVO	Identificar e qualificar seres de maneira objetiva/ subjetiva	Organização da construção descritiva (Nomear – Localizar – Qualificar) Encenação descritiva
NARRATIVO	Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato.	Organização da lógica narrativa (actantes e processos) Encenação narrativa
ARGUMENTATIVO	Expor e provar causalidades numa visada racionalizante para influenciar o locutor.	Organização da lógica argumentativa Encenação argumentativa

Fonte: Charaudeau, 2012.

Vale fornecer uma última consideração dentro desse modelo de análise: a noção de enunciação. Em geral, desde os apontamentos de Benveniste, há uma bipartição entre enunciação e enunciado, sendo este o resultado da ação de enunciar praticado por aquela. O que interessa dizer, a despeito das dificuldades de precisão do conceito, é que, no presente trabalho, intenta-se observar as marcas da enunciação no enunciado ou, em outras palavras, verificar como o ato de enunciar deixa pegadas linguísticas no seu produto. A fim de se possuir uma ideia mais precisa dos conceitos, leia-se a definição dos semioticistas Greimas e Courtés:

enunciação se definirá de duas maneiras diferentes: seja como estrutura não linguística (referencial) que subtende à comunicação linguística, seja como uma instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas). (GREIMAS; COURTÉS, 2011, p. 166)

Essa lógica pressuposição permite com que as análises discursivas não sejam fruto de meras intuições, mas tenham alicerces que guiem o trabalho de leitura e interpretação.

Finalmente, saindo especificamente do âmbito da semiolinguística, tecem-se breves palavras sobre o gênero eleito neste trabalho – a crônica jornalística. Laurito, a respeito da configuração da crônica, afirma:

Gênero aparentemente – e só aparentemente – fácil, a crônica exige uma espécie de descompromisso do autor no tratamento do assunto, que deve ser abordado de forma ligeira e atraente para o público leitor; por outro lado, esse suposto descompromisso do cronista – sujeito comprometidíssimo com o seu ofício – não implica mediocridade do texto. (LAURITO apud HARTUIQUE, 2003, p. 145)

Vê-se, pois, um gênero dividido entre o domínio discursivo literário e o domínio discursivo jornalístico, que compreende um estilo de narrativa corriqueira com vistas à reflexão. Assim, consegue-se voltar para múltiplos aspectos da vida cotidiana (esportes, política, família, por exemplo), selecionando quaisquer assuntos de interesse do cronista e mostrando sua subjetividade, não raro expandindo-a para abranger vivências do leitor. A fim de preencher tamanha diversidade, as crônicas costumam trabalhar com os quatro modos de organização do discurso, de acordo com a preferência do sujeito comunicante. Este tende a se expor por meio do sujeito enunciativo que lhe reflete: confessa, brinca, dialoga, instiga, enfim, enuncia de modo informal temas que saem das experiências de um sujeito para serem divulgados e pensados por muitos outros que com aquele discurso se identifiquem.

3. Colocando em prática alguns preceitos semiolinguísticos

A crônica escolhida intitula-se “Duas histórias sobre mães” e foi publicada pela *Revista O Globo* (jornal *O Globo*), permanecendo a ser veiculada nos meios on-line, como é o caso da revista *Donna*. De modo geral, a cronista aborda, por meio de duas narrativas, a relação idealizada que se espera existir entre filhos e mães e as relações reais, por meio dos dois exemplos narrados. Segue a crônica na sua totalidade adiante.

Duas histórias sobre mães

Duas leitoras me mandaram depoimentos pessoais que dividirei com vocês, mas com nomes fictícios. Um foi assinado por Anita, que me contou que, numa loja, foi atendida por uma balconista jovem e humilde que comentou ter quatro filhos, e que pretendia partir para o quinto. Anita, mesmo correndo o risco de ser indiscreta, perguntou se o salário dela comportava o sustento de cinco crianças, no que a balconista respondeu:

– Ora, elas têm pai.

Anita não se conteve e declarou:

– Acho que uma mulher pode ter tantos filhos quantos ela conseguir sustentar sozinha.

Diz Anita que a balconista ficou perplexa, e talvez muitas outras mães também fiquem, mas foi corajosa e realista a sua observação. Marido não é seguro-desemprego, não vale por uma previdência privada. No caso de uma separação, claro que ele terá obrigação de dividir as despesas relacionadas aos filhos, mas, infelizmente, sabemos que nem sempre a coisa se dá com essa civilidade. Alguns pais não podem ou não querem arcar com seus deveres e transferem a responsabilidade para quem manteve a guarda. Enquanto a briga é decidida na justiça, as crianças ficam desassistidas. A questão é que podemos ter quantos filhos desejarmos, desde que não transformemos o sonho romântico de ser mãe numa dívida impagável com nossos filhos e com a sociedade.

O segundo depoimento veio de uma senhora chamada Vânia que me contou que passou a vida escutando sobre como as mães são amorosas e perfeitas, mas a dela não foi nada disso. Era uma mãe desatenta, egoísta e sem o menor talento para o ofício. Vânia deve ter motivo para tanta mágoa, já que hoje sua mãe está com 95 anos, tem câncer no cérebro, e nem assim Vânia consegue perdoá-la. E se culpa, porque reconhece que já deveria ter virado essa página.

Se sua mãe não lhe causou nenhum dano concreto, se apenas não foi a mãe sacralizada que você dava como certo que teria, tente mesmo perdoá-la, Vânia. É provável que você mesma já seja mãe e saiba que há sobre todas nós uma cobrança descabida. Se o erro dela foi ter pensado mais em sua própria carreira, em seus próprios amores, em sua própria felicidade, ainda assim, antes de ser condenada, merece ser compreendida, porque é preciso reconhecer que nem todas nascem com o dom da abnegação, e nem por isso são pessoas más, apenas não alcançaram a dimensão da entrega necessária para uma tarefa desse porte: criar outro ser humano.

Entre os cinco filhos da balconista que atendeu Anita pode haver algum que irá

julgar a mãe uma inconsequente, caso ela não consiga bancar as necessidades básicas de todos os irmãos, e os filhos de Vânia talvez um dia a cobrem por ter passado a vida amargurada com a avó deles. Por trás das cortinas desse espetáculo chamado maternidade, há muito desajuste e muito rancor por conta de uma idealização excessiva. Mãe não tem superpoderes. Se tiver juízo, já está bom demais.

Uma das principais contribuições de Charaudeau para a análise discursiva é o desdobramento de sujeitos, dantes considerados apenas dois – o emissor e o receptor – em quatro seres distintos. No que se refere à crônica, há os seres do mundo real Martha Medeiros (Euc) e o leitor real (Tui) e os seres de fala o escritor ideal (Eue) e o leitor ideal (Tud). O Eu comunicante, então, é a jornalista e escritora Martha, casada e mãe de duas filhas, que possui em torno de cinquenta anos. Por sua vez, o Eu enunciador representa sua identidade discursiva, por meio da qual há uma voz feminina que projeta no discurso suas vivências do mundo e suas posições acerca dele, aproveitando-se, no exemplo da crônica analisada, de histórias contadas por outros sujeitos sobre ser mãe.

O Eu comunicante, por meio de suas escolhas discursivas, apresenta a imagem de um Eu enunciador que utiliza duas narrações sobre mães para refletir sobre o papel idealizado que essa figura possui em nossa sociedade. A partir do sétimo parágrafo, delinea-se a tese a ser defendida (“É provável que você mesma já seja mãe e saiba que há sobre todas nós uma cobrança descabida”), a qual se concentra em uma visão mais concreta e limitada do que é ser mãe. Percebe-se, desde o início do texto, que ocorre uma subjetividade pela presença dos pronomes e verbos em primeira pessoa (“depoimentos pessoais que dividirei com vocês”) e uma interlocução com o leitor (veja-se o uso do pronome “vocês” relacionado ao Tu destinatário), bem como a inserção do Euc no universo das mães (“há sobre todas nós...”).

O primeiro episódio contado pelo Eu enunciador refere-se ao diálogo entre balconista e cliente (sob o nome fictício de Anita) sobre o sustento dos filhos, afirmando que não se deve contar com a ilimitada ajuda dos pais nessa tarefa: “Diz Anita que a balconista ficou perplexa, e talvez muitas outras mães também fiquem, mas foi corajosa e realista a sua observação” (5º parágrafo). Eis, então, um posicionamento do EUc, no que concerne à assunção da responsabilidade por parte dos progenitores, a observação “realista” refere-se à refutação de Anita sobre a mãe ter apenas os filhos que consegue sustentar e com a qual o Euc concorda. Ainda no quinto parágrafo, o uso dos operadores “mas” e “infelizmente” reforçam essa posição esperada, no entanto nem sempre cumprida por parte dos pais: “No caso de uma separação,

claro que ele [o pai] terá obrigação de dividir as despesas relacionadas aos filhos, mas, infelizmente, sabemos que nem sempre a coisa se dá com essa civilidade.” Ao final do parágrafo, contrapõem-se duas posições que necessitam de reflexão: mantém-se o “sonho romântico” de possuir muitos filhos e não conseguir sustentá-los ou abdica-se do romantismo e enxergam-se as possibilidades de seu sustento.

O segundo episódio relatado na crônica diz respeito à mágoa de uma filha (sob o nome fictício de Vânia) por sua mãe ter se distanciado das características positivas atribuídas às mães (“Era uma mãe desatenta, egoísta e sem o menor talento para o ofício”, 6º parágrafo). No parágrafo seguinte, o Eue se dá a permissão de aconselhar Vânia a insistir na tentativa de perdoar sua mãe, justificando o ato com as dificuldades existentes na tarefa de “criar outro ser humano”:

Se o erro dela foi ter pensado mais em sua própria carreira, em seus próprios amores, em sua própria felicidade, ainda assim, antes de ser condenada, merece ser compreendida, porque é preciso reconhecer que nem todas nascem com o dom da abnegação, e nem por isso são pessoas más.

No último parágrafo do texto, retomam-se as posições adotadas por Anita e Vânia e o Eu enunciator elenca desfechos possíveis para ambas as narrativas, concluindo a tese já mencionada anteriormente: “Por trás das cortinas desse espetáculo chamado maternidade, há muito desajuste e muito rancor por conta de uma idealização excessiva”. O adjetivo “excessiva” demonstra a rejeição do Euc a esse posicionamento de perfeição da maternidade. Os dois últimos períodos do texto são desdobramentos da tese defendida e aparecem com um tom mais leve, devido à condicional “se tiver juízo”: “Mãe não tem superpoderes. Se tiver juízo, já está bom demais”. Assim, traz-se a figura da mãe para o mundo menos perfeito e mais verdadeiro, no qual os papéis sociais de mãe e filho devem ser repensados para evitar desilusões, tais como as previstas pelo Eue neste mesmo parágrafo final (mães consideradas inconsequentes ou muito amarguradas).

Partindo, então, para outro aspecto da teoria semiolinguística, o que remonta à estrutura dos atos de linguagem, há de se considerar três níveis: situacional, comunicacional e discursivo. Quanto ao situacional, pode-se dizer: i) a finalidade do texto reside mostrar como a idealização excessiva sobre as mães pode ser prejudicial ao relacionamento familiar; ii) a identidade dos parceiros de troca são o Euc, a cronista Martha Medeiros, e o Tui, o leitor ideal; iii) o domínio

do saber, ou temática, consiste na relação entre mães e filhos e; iv) o dispositivo é o jornal *O Globo*.

Já no nível comunicacional, o qual diz respeito aos modos de dizer, é possível encontrar estruturas, dentre outras, compostas por orações condicionais, as quais elencam ações passíveis de perdão e que minimizam a carga de responsabilidade lançada sobre as mães. Vejam-se os trechos:

Se sua mãe não lhe causou nenhum dano concreto, se apenas não foi a mãe sacralizada que você dava como certo que teria, tente mesmo perdoá-la, Vânia.

Se o erro dela foi ter pensado mais em sua própria carreira, em seus próprios amores, em sua própria felicidade, ainda assim, antes de ser condenada, merece ser compreendida, [...]

Mãe não tem superpoderes. Se tiver juízo, já está bom demais.

Desse modo, o Eu comunicante reconhece as limitações e os erros cometidos por algumas mães, a partir dos fatos narrados, não permitindo que tais ações sejam justificativas finais para a visão puramente negativa sobre essas mesmas mães. Abre-se a possibilidade de perdão e compreensão e um olhar mais concreto acerca delas (“não tem superpoderes”).

O terceiro nível, chamado de discursivo, comporta as noções de legitimidade, credibilidade e captação, da seguinte maneira: i) a primeira por a cronista ter o direito de falar sobre a maternidade, papel também exercido por ela, advindo do jornal para o qual trabalha; ii) a segunda se mostra na capacidade de expor suas ideias sobre esta temática usando fatos corriqueiros (como é de costume da escritora usar fatos pessoais ou relatos de terceiros) para refletir sobre o mundo; iii) a terceira, enfim, corresponde ao preenchimento das duas condições anteriores somada a seu modo de captar (seduzir) o leitor, por exemplo, argumentando em torno de narrações da realidade do mundo.

Passando-se a outro conceito fundamental proposto por Charaudeau, o de contrato comunicacional, há de se observar como foram utilizados por Martha Medeiros os espaços de restrições e estratégias. Seu texto, conforme já dito, se baseia em dois relatos reais para expor o ponto de vista pessoal da cronista, fazendo uso de uma linguagem informal (“e que pretendia partir para o quinto” ou “nem sempre a coisa se dá com essa civilidade”) e também com teor literário (“Por trás das cortinas desse espetáculo chamado maternidade...”), expondo as ideias em primeira pessoa e inserindo o leitor no discurso por meio do pronome “você” ou da primeira pessoa do plural. Desse modo, estão cumpridos e respeitados os espaços de restrições do gênero

crônica jornalística: um texto que coloca as reflexões de um eu acerca do mundo, aproveitando-se de fatos do dia a dia, por meio de escolhas linguísticas que passeiam entre o informal e o literário.

No que concerne ao segundo espaço, o de estratégias (ou manobras), o texto analisado é produzido dos quatro modos de organização do discurso, pois, conforme afirmam Gouvêa e Pauliukonis:

Como se observa nas crônicas jornalísticas dos últimos tempos, o recurso a todos os modos de organização tem-se constituído numa marca do *espaço de estratégias*, na medida em que cada cronista privilegia um dos modos, ou usa igualmente ou variavelmente todos. (GOUVÊA; PAULIUKONIS, 2012, p. 67)

Assim, tem-se o modo de organização narrativo no relato das duas histórias contadas ao Eue:

Um foi assinado por Anita, que me contou que, numa loja, foi atendida por uma balconista jovem e humilde que comentou ter quatro filhos, e que pretendia partir para o quinto. Anita, mesmo correndo o risco de ser indiscreta, perguntou se o salário dela comportava o sustento de cinco crianças, no que a balconista respondeu: – Ora, elas têm pai.

Anita não se conteve e declarou:

– Acho que uma mulher pode ter tantos filhos quantos ela conseguir sustentar sozinha.

O segundo depoimento veio de uma senhora chamada Vânia que me contou que passou a vida escutando sobre como as mães são amorosas e perfeitas, mas a dela não foi nada disso.

Neste último relato, percebe-se a utilização do modo descritivo, ao mencionar como é configurada a imagem das mães (“amorosas e perfeitas”) e como era a mãe de Vânia (“Era uma mãe desatenta, egoísta e sem o menor talento para o ofício”). Devido à oposição de características, o Euc concede razão ao ressentimento do sujeito Vânia e sua dificuldade em perdoar a mãe doente.

Após a explicitação de cada história, constata-se o modo argumentativo, pois o Euc assume uma postura reflexiva sobre a imagem idealizada das mães e sobre a necessidade de essa imagem ser repensada: uma argumentação em torno da responsabilidade da figura paterna e outra argumentação sobre a dificuldade de abnegação, a qual leva muitas mães a se distanciarem da perfeição. Sobretudo no parágrafo final, essa argumentação se delinea

elencando os sentimentos de desajuste e rancor advindos das relações mal resolvidas entre mães e filhos.

O modo enunciativo, que consiste na posição do sujeito que enuncia, se verifica ao longo de toda a crônica: i) é um sujeito que diz “eu”, que se mostra claramente; ii) há uma interlocução com o leitor, incluindo uma referência direta a própria personagem Vânia (“tente mesmo perdoá-la, Vânia.”) e; iii) por vezes, esse sujeito de fala se apaga, usando o modo delocutivo.

Quanto à sua presença direta no texto (modo elocutivo), da qual a cronista se vale na maior parte do texto, podem-se citar os trechos iniciais dos relatos (“Um foi assinado por Anita, que me contou que...” e “O segundo depoimento veio de uma senhora chamada Vânia que me contou que passou a vida escutando sobre como as mães são amorosas e perfeitas...”), bem como os trechos em que há um posicionamento argumentativo (“A questão é que podemos ter quantos filhos desejarmos, desde que não transformemos o sonho romântico de ser mãe numa dívida impagável com nossos filhos e com a sociedade”, por exemplo).

O diálogo com o leitor se explicita quando o Eue e dirige ao leitor por meio do pronome “você” (“Duas leitoras me mandaram depoimentos pessoais que dividirei com vocês”) e, como já mencionado, a uma leitora específica (Vânia) no trecho “não foi a mãe sacralizada que você dava como certo que teria.”.

Por fim, há a presença do modo delocutivo, sobretudo na parte conclusiva do texto, na qual se fazem suposições dos desfechos das narrativas, relacionando-se as possíveis consequências das posturas dos sujeitos (a mãe que desejava ter cinco filhos e o comportamento rancoroso de Vânia com sua mãe doente): “Entre os cinco filhos da balconista que atendeu Anita pode haver algum que irá julgar a mãe uma inconsequente, caso ela não consiga bancar as necessidades básicas de todos os irmãos, e os filhos de Vânia talvez um dia a cobrem por ter passado a vida amargurada com a avó deles.”

4. Conclusão

A presente análise configurou-se em uma apropriação de conceitos da teoria de Patrick Charaudeau, a semiolinguística, a qual é, ao mesmo tempo, uma semiótica – pois trata da intertextualidade dependente dos sujeitos da linguagem – e uma linguística – porque opera com os fatos da linguagem. Os caminhos advindos dessa integração sujeito-situação-língua permitiram realizar uma leitura mais cuidadosa da crônica de Martha Medeiros. Ressalta-se que as ferramentas provenientes da teoria permitiram que não se estudassem somente os elementos

linguísticos, mas a encenação proposta pelos sujeitos no ato de linguagem: de um lado a cronista com sua argumentação a favor de que a cobrança sobre as mães seja diminuída, de outro, um leitor ideal que deveria reconhecer a necessidade de que essa cobrança seja minimizada, bem como a idealização exagerada sobre esse papel social. Aquela assumindo também uma identidade de mãe, falando a partir da autoridade concedida pela instituição para a qual trabalha (o jornal); este, envolvido na indagação sobre os fatos do mundo, exposto à leitura de narrativas do cotidiano com as quais possa se identificar, sendo levado a (re)pensar sua conduta, suas opiniões.

Intenta-se, portanto, ter colaborado com as leituras feitas dentro da abrangente área que se destina ao discurso, no sentido de não apenas revelar a aplicabilidade teórica da semiolinguística, mas a possibilidade de fazer dela um meio de se alcançar – sobretudo nas salas de aula de língua portuguesa – a sistematização e a racionalização de produção e interpretação de textos, ainda hoje considerada por muitos um campo sem diretrizes, feito à base de intuições e perspicácia do professor ou do leitor mais capacitado. É preciso, pois, que as gerações atuais de leitores apanhem nas mãos as ferramentas mais adequadas para trabalhar no campo produtivo da linguagem.

Referências bibliográficas

CHARAUDEAU, P. Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática. **Revista Diadorim** / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 10, p. 01-23, dez. 2011.

_____. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução de Angela M. S. Corrêa & Ida Lúcia Machado. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. Tradução de 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MEDEIROS, M. Duas histórias sobre mães. O Globo, Rio de Janeiro, 9 maio 2010. **Revista O Globo**.

HARTUIQUE, D. L. L. Crônica jornalística: um gênero ambíguo de texto. In: PAULIUKONIS, M. A.; GAVAZZI, S. (org.). **Texto e discurso**: mídia, literatura e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

Artigo recebido em: 15.01.2017

Artigo aprovado em: 08.06.2017